

# **O MOVIMENTO LITÚRGICO**

**Pde. Didier Bonneterre**

## PREFÁCIO

† Ecône, 21 de novembro de 1979.

Muito se escreveu sobre a Reforma Litúrgica que saiu do Vaticano II. Ela foi analisada e descobriu-se, com muito acerto, que era surpreendente semelhante à Reforma de Lutero e à Reforma anglicana. Já se insistiu sobre os dolorosos resultados causados pela dessacralização, pela profanação. Sobre isso, jamais se dirá o bastante.

Mas ninguém que eu conheça tinha, até então, pesquisado as origens próximas desta Reforma de modo aprofundado e detalhado, com documentação de apoio. É mérito do padre Didier BONNETERRE, diretor de nosso Seminário de Albano, ter posto às claras o jogo de intrigas e a obra de destruição da Liturgia Romana, executados há um século com perseverança e habilidade consumadas, apenas para ser legitimados pela Reforma conciliar e pós-conciliar.

Depois de ler estas páginas, quem poderá duvidar que um espírito diabólico age no interior da Igreja há muitos anos, como já o denunciava São Pio X?

Graças ao conhecimento de tais fatos, será mais fácil realizar um julgamento sobre esta Reforma litúrgica, que tantos danos causou nas almas de milhões de católicos.

Que estes documentos possam fazer com que as autoridades da Igreja compreendam a urgência de uma contra-Reforma, como a realizou o Concílio de Trento! E confirmem a santa Liturgia Romana de sempre.

† Marcel Lefebvre.

## INTRODUÇÃO

O Movimento litúrgico, de Dom Guéranger a Annibal Bugnini  
ou, o “Cavalo de Tróia na Cidade de Deus”

A associação que o título sugere talvez pareça ousada a nossos leitores. Mas não somos nós que vemos um parentesco entre o autor das “Instituições Litúrgicas” e o “coveiro da Missa”, são as próprias autoridades romanas.

Com efeito, Paulo VI escrevia ao Abade de Solesmes no dia 20 de janeiro de 1975: “*Constato a solidez e a influência da obra de Dom Guéranger, a quem o “Movimento litúrgico” contemporâneo saúda como precursor*”. O *Proemium* do *Institutio Generalis* do novo missal já pretendia que as reformas contemporâneas fossem a continuação da obra de São Pio X: “O Vaticano II”, declara o final do *Proemium*, “levou a bom termo os esforços que visavam aproximar os fiéis da liturgia, esforços realizados durante quatro séculos e, sobretudo, em época recente, graças ao zelo litúrgico empregado por São Pio X e seus sucessores”<sup>1</sup>

Assim também, e poderíamos multiplicar os testemunhos ao infinito, os “liturgistas” os mais avançados e a própria “igreja conciliar” pretendem haver continuidade, e mesmo “evolução homogênea” entre o “Movimento litúrgico” e Dom Guéranger, ou entre São Pio X e Annibal Bugnini.

Eis a impostura, eis o que não poderíamos admitir! É por isso que procuraremos mostrar onde este movimento se desviou. Certamente, desde um ponto de vista histórico, Dom Guéranger e São Pio X encontram-se mesmo na origem do “Movimento litúrgico”, mas é falso e nocivo pretender que este movimento, ao menos nas suas formas contemporâneas, seja o herdeiro de seus pensamentos, pior ainda, que seja a continuação das suas obras. Para demonstrá-lo, nos será necessário estudar a história do “Movimento litúrgico”, reconhecer suas magníficas realizações, mas também constatar,

---

<sup>1</sup> Documentation Catholique 1970; pág. 568.

perante a evidência dos fatos, os desvios precoces deste grandioso empreendimento, que tanto poderia ter dado à Igreja.

J. Vaquié, na sua notável obra sobre “A revolução litúrgica”<sup>2</sup>, exprimiu o desejo de que fosse feito um estudo sobre essa questão: “*É preciso aguardar que o período pré-conciliar seja objeto de estudo. Então veremos os progressistas agindo, expondo seus argumentos, posicionando seu pessoal para o ataque decisivo.*”

Que o presente estudo possa atender àquele apelo! Que possa esclarecer alguns pontos obscuros até o momento! Que possa, sobretudo, dar a compreender que a revolução litúrgica contemporânea não é fruto de geração espontânea, mas, ao contrário, o resultado de um longo e paciente jogo de intrigas!

O Abbé de Nantes abordou esta questão num artigo chamado “Donde vem esta reforma?”<sup>3</sup>. Mas a conclusão do seu estudo difere enormemente da nossa. Com efeito, para ele, o “Movimento litúrgico” era uma coisa excelente, a qual nenhuma reserva deveria ser feita. Este movimento deveria resultar numa boa e santa reforma da liturgia e, se isso não ocorreu, a culpa é de Paulo VI, único responsável por isto. Para nós, ao contrário, o “Movimento litúrgico”, obra certamente magnífica nas suas origens, conheceu desde cedo graves desvios e, num processo comum a toda revolução, ou seja, por meio de “contínuas transgressões”, este movimento, muito antes do Vaticano II, chegou a renegar totalmente suas origens e pregar um reformismo que só poderia resultar numa nova missa. Para nós, Paulo VI — e não buscamos inocentá-lo aqui — não é o responsável pelo fracasso de uma reforma que deveria ter sido boa. Para nós, ele é, de algum modo, mero “diretor” em um “enredo” no qual não figura como protagonista. Desde antes do Vaticano II o novo *Ordo Missae* já fora concebido, fruto envenenado dos desvios do “Movimento litúrgico”.

Longe de ser negativo, o presente estudo permitirá discernir o que é preciso rejeitar do que é preciso conservar preciosamente no “Movimento litúrgico”. Com efeito, e acima de tudo, importa que trabalhemos para a conservação da liturgia católica, que sejamos

---

<sup>2</sup> J. Vaquié, “La révolution liturgique”. D.P.F. 1971; pág. 79.

<sup>3</sup> “D’où vient cette réforme?” C. R. C. No. 101, janeiro de 1976.

herdeiros e que continuemos a obra de Dom Guéranger e de Pio X. Fazemos nossa a vontade do santo Pio X:

*“Sendo nosso mais vivo desejo o de que o verdadeiro espírito cristão refloresça de todos os modos e permaneça em todos cristãos, é necessário prover, antes do mais, à santidade e à dignidade do templo onde os fiéis se reúnem precisamente para buscar este espírito em sua fonte primeira e indispensável, a saber: a participação ativa nos sacrossantos Mistérios e na oração pública e solene da Igreja”*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “Tra le sollecitudini”, 22 de novembro de 1903. Ed. Solesmes Liturg. I no. 220.

## PRIMEIRO CAPÍTULO

### DAS ORIGENS ATÉ 1920

Com Dom O. Rosseau, definiremos “Movimento litúrgico” como “a renovação do fervor do clero e dos fiéis pela liturgia”<sup>5</sup>. Esta renovação tem como principal autor um monge beneditino justamente célebre: DOM GUÉRANGER.

No século XVIII, a liturgia havia deixado de ser uma força vital do catolicismo. A liturgia, tão admiravelmente restaurada por são Pio V<sup>6</sup>, fora submetida aos repetidos assaltos do jansenismo e do quietismo. Os discípulos de Jansênio haviam afastado os fiéis da freqüência aos sacramentos. O quietismo, que pretendia conduzir a Deus diretamente, desviara as almas da liturgia, que é o intermediário desejado pela Igreja entre Deus e nós. Era a época em que o galicanismo triunfante compunha suas liturgias diocesanas, que se assemelhavam apenas em seu caráter anti-romano. Na Alemanha, Febronius, auxiliar de Trier, espalhava estas idéias; na Itália, quem o fazia era Ricci, bispo de Pistóia, condenado com seu sínodo por Pio VI na bula “Auctorem Fidei”, de 28 de maio de 1794<sup>7</sup>.

Toda a Europa soçobrava na “heresia anti-litúrgica” quando explodiu a Revolução Francesa. O culto católico foi proibido e substituído pelo da deusa Razão. A concordata de 1801 restabelecia a esperança... mas, quantas provações para a liturgia! O povo perdera o gosto por ela; o próprio clero não amava estas cerimônias que não mais compreendia realmente... Para piorar, a restauração do culto trouxera de volta a multiplicidade das liturgias galicanas.

Mas, a esperança de uma verdadeira restauração persistia possível. Chateaubriand, com suas obras “*Le génie du Christianisme*” e “*Les Martyrs*”, já havia revelado aos franceses de então as maravilhas da liturgia da Idade Média. Uma nova juventude sentia-se inclinada a mergulhar nos manuscritos da Antiguidade para descobrir cerimônias das quais a liturgia da época, tão fragmentada, não podia sequer dar uma idéia. Entre estas

---

<sup>5</sup> “L’Eglise en prière”, vários autores. A-G. Martimort 1961, pág. 51.

<sup>6</sup> “Saint Pie V, un pape pour notre temps”. P. Tilloy, Forts dans la foi, 1974.

<sup>7</sup> “Auctorem Fidei” DZ. 1501.

jovens cabeças pensantes, há uma que sobressai, é a de Prosper-Louis-Pascal Guéranger (1805-1875)<sup>8</sup>. Aqui não é o lugar de contar a vida do fundador da Congregação Beneditina da França; nos limitaremos a seguir as grandes linhas de sua imensa atividade litúrgica, deixando de lado propositadamente sua obra teológica e sua restauração do canto gregoriano.

Nas suas “*Considérations sur la liturgie catholique*”, publicadas no “*Mémorial*” de 1830, o futuro fundador de Solesmes precisava a dupla orientação de seu trabalho litúrgico.

Antes de mais nada, tinha por objetivo fazer com que o clero voltasse a conhecer e a amar a liturgia romana. Com este fim, publicará, a partir de 1840, “*Les Institutions liturgiques*”<sup>9</sup>, que contém um vigoroso ataque contra as liturgias neo-galicanas e uma maravilhosa demonstração da antiguidade e da beleza da liturgia romana.

Por outro lado, Dom Guéranger se empenhou em fazer com que os fiéis se associassem à hierarquia enquanto esta celebra o Sacrifício, administra os sacramentos e celebra o Ofício. Para tanto, publicou, a partir de 1841, uma tradução comentada dos textos litúrgicos distribuídos ao longo do ano litúrgico: trata-se do seu célebre “*L’année liturgique*”.

“Esta obra de Dom Guéranger, escreve Dom Festugière, é simplesmente maravilhosa, capaz de despertar toda sorte de alma, independente do grau de instrução, para as riquezas espirituais contidas na liturgia. Esta capacidade de adaptação de uma mesma obra constitui um fato absolutamente notável. A Imitação de Cristo está longe de possuí-la no mesmo grau. Qual a explicação? Ora, é a própria estrutura da liturgia, que o abade de Solesmes penetrou completamente. Esta obra de Dom Guéranger participa de algo que não saiu da mão dos homens”<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> “Dom Guéranger, abade de Solesmes”, por um monge beneditino. 2 tomos Plo-Mame, 1910.

<sup>9</sup> -- “*Institutions Liturgiques*”, 3 volumes. Fleuriot, Le Mans 1840  
2ª. Edição em 4 vols. Em 1880.

“*Extraits*”, por J. Vaquiè. D. P. F. 1977.

<sup>10</sup> “*La liturgie catholique, Essai de synthèse*”. Dom Festugière O.S.B, Maredsous, 1913.

No ínterim, Dom Guéranger fundara Solesmes e sua Congregação, que poderiam continuar sua obra. Obra coroada de sucesso, posto que, antes de morrer, em 1875, teve a consolação de constatar que todas as dioceses francesas haviam retornado ao rito romano e que, então, a piedade litúrgica florescia entre o clero e entre os fiéis.

Para Dom Guéranger, a liturgia é antes de tudo Confissão, Oração e Louvor, muito mais que ensinamento<sup>11</sup>.

“Dom Guéranger, escreve Dom Froger, redescobriu então a liturgia. Ele discerniu sem hesitação o que ela é em essência: o culto público pelo qual a Igreja, sob a moção do Espírito Santo, que a anima e nela reza “com gemidos inefáveis”, canta a Deus sua fé, sua esperança e sua caridade”.

“Sem menosprezar de modo algum o valor formador e educativo desta oração para os fiéis que a exercem, Dom Guéranger considerava muito corretamente que, por ser sacrifício espiritual, a liturgia tem por fim supremo o louvor, e que ela canta a glória de Deus de modo desinteressado e no esquecimento de si mesmo. Por ser antes de tudo expressão dos sentimentos de fé, confiança, amor, alegria, esperança etc., a liturgia só poderia recorrer ao canto, à música, à poesia, como única linguagem capaz de traduzir seus transportes e sua “sóbria embriaguez”. Desse modo, a liturgia é bem mais lírica que didática”<sup>12</sup>.

Para o abade de Solesmes, a liturgia é essencialmente teocêntrica. Dom Delatte pôde escrever:

“Mesmo a obra de santificação e de educação sobrenatural que ela realiza ao longo do tempo nas almas que se confiam às suas mãos, relaciona-se, como ao seu fim, à obra de glorificação e de adoração que ela presta a Deus. As almas se santificam para que possam possuir mais profundamente o espírito e a verdade com que devem adorar Deus; as almas elevam-se para que o culto que prestam a Deus seja menos indigno; sua educação sobrenatural se desenrola no tempo para

---

<sup>11</sup> “Institutions Liturgiques” de Dom Guéranger. Tomo I, cap. I.

<sup>12</sup> “L’encyclique Mediator Dei et la liturgie” Dom J. Froger de Solesmes, em “La pensée catholique”, no. 7, 1948.



que possam glorificar e louvar a Deus incessantemente na eternidade. É para Deus como termo e para sua glória que tudo se faz na ordem das coisas.”<sup>13</sup>

Na mesma época, em Mesnil-Saint-Loup, o padre EMMANUEL trabalhava na restauração da vida litúrgica de sua paróquia.

“Lá, nesse cenário exíguo em que passou sua vida — escreve Dom Bernard Maréchaux — ele uniu tão bem o ensino da fé ao da liturgia, que os paroquianos não se julgariam verdadeiros cristãos se não procurassem compreender os textos litúrgicos para melhor rezar e para honrar a Deus com um louvor mais perfeito... Este fenômeno de vida católica e litúrgica dura há mais de cinquenta anos sem esmorecer. Não é um fogo de palha. Isso demonstra dois pontos de altíssima importância: que simples fiéis, pela graça do batismo, estão aptos a saborear a oração litúrgica; e que lhes afeiçoar a esta oração em espírito de fé, é o meio mais eficaz, senão o único, de impedir o abandono das igrejas. O padre Emmanuel, que lançou luz sobre estas verdades, que resolveu de modo prático um problema de interesse tão candente, não merece ter seu nome colocado ao lado do de Dom Guéranger?”<sup>14</sup>.

Quanto à nós, não hesitamos em dar ao humilde monge um lugar não longe do ocupado pelo célebre Abade. Com efeito, o padre Emmanuel foi o primeiro a pôr em prática os princípios de Dom Guéranger; e ambos bem merecem ser considerados como os dois “co-princípios” do “Movimento litúrgico”, ou seja, da renovação do fervor do clero e dos fiéis pela liturgia.

Nascido de pais beneditinos, o “Movimento litúrgico” terá por muito tempo sua história ligada a da Ordem de São Bento. O “Movimento”, nascido na Congregação da França, iria se desenvolver nela e rapidamente se expandiria para além das fronteiras francesas.

Enquanto Dom Mocquereau († 1930), Dom Pothier († 1923) e Dom Cagin († 1923) continuavam a obra do fundador na Casa Mãe, Solesmes lançava suas primeiras

---

<sup>13</sup> “Dom Guéranger par un moine...”, I, pág. 260.

<sup>14</sup> “Dom Guéranger et le Père Emmanuel”, Dom Maréchaux, em “Notre-Dame de la Sainte Espérance”, outubro, 1910.

fundações. A primeira foi Beuron [Alemanha] em 1863, que, por sua vez, fundou Maredsous [Bélgica] em 1872, em seguida, Mont-César [Bélgica] em 1899, enquanto Dom Guépin partia para a Espanha para restaurar Silos em 1880.

A expulsão dos religiosos na França irá mudar por algum tempo o centro do “Movimento litúrgico”, que passará a ser a Bélgica. Já em 1882, Dom Gérard van Caloen, monge de Maredsous e futuro bispo de Foça, publica “O Missal dos fiéis”, em latim e francês, seguido mais tarde do “Pequeno Missal dos fiéis”, que obteve grande sucesso. Em 1884, ele lança o “Messenger des fidèles”, que se transforma em 1890 na erudita “Revue bénédictine”. Em 1889, no Congresso Eucarístico de Liège, apresenta uma ousada tese para a época: a comunhão dos fiéis durante a Missa. Em 1898, uma segunda revista foi fundada na mesma abadia de Maredsous, “Le Messenger de saint Benoît”, que, em 1911, com o título “Revue liturgique et monastique”, tratará mais especialmente de liturgia.

Mas, antes de continuar nosso estudo sobre o “Movimento litúrgico” belga, é preciso que nos voltemos a Roma onde, em 1903, acaba de subir à Sé de Pedro aquele que haveria de dar ao “Movimento” o impulso definitivo: **são Pio X**. Dotado de imensa experiência pastoral, este santo papa sofreu terrivelmente com a decadência da vida litúrgica, mas sabe que há um trabalho de renovação em curso, e está decidido a fazer tudo para que ele dê frutos. É por isso que, em 22 de novembro de 1903, ele publica seu célebre motu proprio, “**Tra le sollecitudini**”, com o qual restaura o canto litúrgico. Neste documento, escreve esta frase capital, que terá papel decisivo na evolução do “Movimento litúrgico”: *“Sendo nosso mais vivo desejo o de que o verdadeiro espírito cristão refloresça de todos os modos e permaneça em todos cristãos, é necessário prover, antes do mais, à santidade e à dignidade do templo onde os fiéis se reúnem precisamente para encontrar este espírito em sua fonte primeira e indispensável, a saber: a participação ativa nos sacrossantos Mistérios e na oração pública e solene da Igreja”* .

São Pio X não é homem de veleidades, e cumpre energicamente seu programa de renovação litúrgica. A título de recordação, citemos: o estímulo à comunhão freqüente e à comunhão das crianças, pelos decretos “Sacra Tridentina”, de 20 de dezembro de 1905 e “Quam singulari”, de 8 de agosto de 1910; a carta de 14 de junho ao Cardeal

Respighi, na qual pede que o catecismo seja completado por uma introdução sobre as festas litúrgicas; a bula “Divino afflatu”, de 1º. de novembro de 1911, com a qual este papa de gênio reforma o breviário, “solução que restaura o ofício do tempo litúrgico – escreve Mons. Battifol – sem diminuir em nada o ofício dos santos: solução ousada, elegante e, com a ajuda de Deus, definitiva”<sup>15</sup>. São Pio X, ao dizer que a “participação ativa nos sacrossantos mistérios” era a “fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão”, deu um novo impulso à renovação do fervor litúrgico. São Pio X constituiu mesmo uma Comissão para a reforma do missal em 1912, mas diante de certas tendências destrutivas já manifestadas por alguns peritos, dissolveu esta comissão. Para São Pio X, como para Dom Guéranger, a liturgia é essencialmente teocêntrica, é culto antes de ser ocasião para o ensino dos fiéis. Não obstante, este grande pastor assinalou um importante aspecto da liturgia: educar os fiéis para o verdadeiro espírito cristão. Mas, repitamo-lo, esta função da liturgia é segunda em importância.

Coube a Dom Lambert BEAUDUIN (1873-1960) o mérito de ter compreendido todo o proveito que poderia tirar do ensinamento de São Pio X. Infelizmente, porém, este monge não soube conservar a hierarquia dos fins da liturgia durante toda a sua vida, como veremos na continuação deste estudo, mas não antecipemos.

Dom Lambert Beauduin, então padre na diocese de Liège, “missionário do trabalho”, sob Leão XIII, entra em 1906, com a idade de 33 anos, na abadia de Mont-César que os monges de Maredsous haviam fundado em Lovaina poucos anos antes (1899). Orientado para o apostolado e a pastoral por sua atividade anterior no clero secular, considera a liturgia sob o ponto de vista das preocupações que lhe eram habituais e, rapidamente, descobre nela, com São Pio X, um meio formidável para formar os fiéis na vida cristã. Em 1909, inaugura em Mont-César um “Movimento litúrgico” que teve enorme e imediato sucesso.

Vejamos as etapas deste movimento: Antes de tudo, o Congresso católico de Malines em 1909, onde o Cardeal Mercier defende, com toda sua autoridade, o programa de Dom Beauduin. Quatro objetivos são estabelecidos: 1) Traduzir o missal romano e fazer deste o principal livro de devoção dos fiéis. Popularizar ao menos a missa e as vésperas

---

<sup>15</sup> “La Croix”, 28 de dezembro de 1911.

do domingo. 2) Tentar tornar a piedade mais litúrgica, estimular a comunhão na missa. 3) Desenvolver o canto gregoriano, conforme o desejo do Papa. 4) Encorajar os membros dos corais a fazer retiros em um centro de vida litúrgica: os mosteiros beneditinos.

Uma vez determinados estes objetivos, fortemente encorajados pelo episcopado belga, Dom Beauduin começa a tentar ganhar para sua causa os padres, mais particularmente, os párocos. Com este fim, lança duas revistas que obtiveram um enorme sucesso (70.000 assinaturas em poucos meses), “Questions liturgiques et paroissiales” e “Semaines liturgiques”. Finalmente, para bem explicar sua concepção do “Movimento litúrgico”, publica em 1914 um fascículo que se tornou célebre: “La piété liturgique; principes et faits”.

Mas, deixemos com a palavra Dom Froger, no seu magistral artigo:

“A ação de Dom Lambert Beauduin não teve como único efeito o de dar novo impulso ao movimento criado por Dom Guéranger; mas também conseguiu fazer com que a liturgia fosse vista sob nova luz. O ponto de vista de Dom L. Beauduin não é mais idêntico ao de Dom Guéranger, que era o da oração contemplativa, o de um lirismo desinteressado que canta seu amor sem outra preocupação que o louvor; este aspecto da liturgia, Dom L. Beauduin não ignora, mas prefere enfatizar o aspecto didático; ele considera a liturgia antes na sua função sobre as almas que no seu papel de santificação”.

E mais adiante Dom Froger conclui:

“Não se trata portanto apenas de liturgia, mas de pastoral litúrgica”.

Com Dom Lambert Beauduin, portanto, o “Movimento litúrgico” tende a se tornar um “Movimento de pastoral litúrgica”. É verdade que São Pio X tinha assinalado o valor educativo da liturgia; mas Dom L. Beauduin “tende” a insistir demais sobre este aspecto. Notemos de passagem que Dom Festugière se manteve fiel ao ponto de vista inteiramente “teocêntrico” de Dom Guéranger. Contudo, é importante que se diga, nesta época, não passava de uma “tendência” essa insistência excessiva de Dom Beauduin

num aspecto verdadeiro da liturgia. Estamos ainda infinitamente distantes da inversão dos fins da liturgia com que nos depararemos na seqüência da história do “Movimento litúrgico”. Acrescentemos, com R. P. L. Bouyer:

“O traço mais importante do Movimento litúrgico belga é este: jamais se perdeu em arqueologismo, jamais sucumbiu à tentação e se deixou levar por inovações duvidosas”<sup>16</sup>.

Sejamos justos com o “Movimento belga” e reconheçamos que, se Dom L. Beauvain “tende” a enfatizar demais o aspecto pastoral da liturgia, ele não é o único na liça: já mencionamos Dom Festugière, mas não esqueçamos Dom Gaspar Lefebvre, de Saint-André-de-Lophem, Dom Marmiom, Dom Flicotteaux, Dom Vandeur, nem Dom Cabrol, de Farnborough, na Inglaterra.

Todos estes monges de gênios lançaram-se ao trabalho e são abundantes os livros de propaganda. Em primeiro lugar, devemos citar “La liturgie catholique”, longo artigo publicado na “Revue de philosophie” (França), de autoria do grande filósofo e pensador Dom Festugière, beneditino de Maredsous. Este artigo de 1913 provocou imensa polêmica. Dom Festugière desenvolvia em seu artigo o pensamento de são Pio X sobre a liturgia, fonte primeira e indispensável da vida espiritual. Os Jesuítas se sentiram — injustamente — atacados nesta serena exposição. Em 20 de novembro de 1913, a revista “Les Études” contra-ataca violentamente com um artigo do R. P. Navatel intitulado “L’apostolat liturgique et la piété personnelle”. O jesuíta defendia na prática que a piedade poderia muito bem prescindir da liturgia, e tendia assim a contradizer são Pio X. A resposta do beneditino foi genial<sup>17</sup>:

“ele queria combater um trabalho de propaganda que parecia nocivo à verdade, ao bem das almas e às intenções da Sé apostólica (...) mal tendo o P. Navatel, no seu exórdio, feito votos pela restauração do senso litúrgico entre os fiéis, dirigido elogios quase exagerados aos filhos de são Bento que se dedicam a isto, e declarado seu zelo em abraçar os interesses e recomendações do papado; logo em seguida, esquecendo suas boas disposições e dando as costas ao que acabara de

---

<sup>16</sup> “La vie de la liturgie”, Louis Bouyer, do Oratório. Edições Cerf, 1956, pág. 85.

<sup>17</sup> “Revue Thomiste”, 1914, nos. 1-2-3.

dizer, põe-se a atacar, em quase todos os pontos, a causa da oração pública e dos ritos — noções fundamentais, história, bases sociológicas, valor como método de apostolado, aptidão como causa de santificação das almas — e, em suma, tentar desacreditar aquilo que chama de obra dos ‘neo-litúrgicos’”.

Dom Festugière se apoiou então na autoridade de São Pio X e soube mostrar com talento o valor educativo e apostólico da liturgia, salvaguardando, diga-se, o “teocentrismo” do culto litúrgico. A guerra pôs fim à controvérsia e, acalmados os espíritos, P. Peeters, S.J. soube mostrar que não havia antagonismo algum entre espiritualidade inaciana e liturgia<sup>18</sup>. Esta querela teve o mérito de tornar conhecido o “Movimento litúrgico” e de espalhar pelo mundo a “renovação do fervor pela liturgia”.

Na **França**: Padres e seminaristas participam de Semanas e Retiros litúrgicos nos mosteiros beneditinos belgas e retornam animados, com o desejo de restaurar a liturgia nas suas igrejas. Esta restauração se efetua sobretudo durante as tristes horas da guerra e, coisa surpreendente, na parte invadida da França. Dom Lefebvre e Mons. Charost multiplicam as manifestações em Lille, Roubaix e Tourcoing. O vigário geral Leconte, o cônego Dehove, Dom Lefebvre e o pde Bayard publicam uma revista, “La voix de l’Église” que se tornou “La revue pratique de liturgie et de musique sacrée”. Longe da frente de batalha, as associações litúrgicas se multiplicam: “Os amigos das catedrais”, “Os amigos do gregoriano”, etc. Mons. Batiffol faz conferências sobre a Missa no Instituto católico de Paris<sup>19</sup>. O padre Harscouët, futuro bispo de Chartres, publica interessantes estudos sobre “Les Messes du Carême” [as Missas da Quaresma], “Messes des Quatre-Temps” [as Missas das Quatro Têmporas] e finalmente, as “Messes du Temps Pascal” [Missa do Tempo Pascal]<sup>20</sup>. Dom Gréa († 1917) escreve “La Sainte Liturgie” [A Santa Liturgia], depois apresenta num Prefácio “O Breviário Romano”, traduzido para o francês pelo Carmelo de Bruges. Dom Besse († 1920), apóstolo ardente da liturgia, faz o bom combate com a revista “La vie et les Arts liturgiques”, que desapareceu pouco após de sua morte.

---

<sup>18</sup> “Méthode ignatienne et spiritualité liturgique”, P. Peeters, S.J. Lovaina, 1918 e Conferências no Congresso de Malines em 1924.

<sup>19</sup> “Leçons sur la Messe”, Mons. Batiffol, Gabalda, Paris, 1920.

<sup>20</sup> Ed. Saint-Brieux 1918 e Paris Art Catholique 1922.

Com a paz, o “Movimento litúrgico” obtém um desenvolvimento ainda maior. Basta citar a Semana litúrgica de Rouen, as Jornadas litúrgicas e gregorianas de Tournus, as Jornadas gregorianas de Lourdes (1920) dirigidas com vivacidade por Dom Lucien David e, sobretudo, o Congresso geral de musica sacra de Tourcoing (1919), verdadeiro triunfo da liturgia, consagrado pela presença do Cardeal Dubois e de vários bispos e abades mitrados. Em seguida ocorreu o Congresso de Estrasburgo, onde se fundou a “Associação francesa de santa Cecília”, presidida pelo Núncio de Paris; este congresso, entre outras resoluções, fez a seguinte: ensinar liturgia e canto gregoriano, estimular a comunhão dos fiéis no momento do Sacrifício, associar os fiéis à missa pela leitura do texto etc. Em dezembro de 1922, um Congresso de canto gregoriano e de música religiosa ocorre em Paris por obra do Cardeal Dubois e dos monges de Solesmes, de volta ao seu país natal após longos anos de exílio. Em 1924, o Cardeal Dubois funda em Paris um Instituto Gregoriano; em uma carta de 11 de abril, Pio XI lhe manifesta “sua viva satisfação”. Que imensa renovação produzida em menos de vinte anos!

Nesta época, a **Holanda** é um dos países melhor organizados do ponto de vista litúrgico. Cada diocese tem sua sociedade litúrgica, comissão de eclesiásticos oficialmente encarregados pelo bispo de promover o “Movimento litúrgico” na diocese. Estas sociedades bem organizadas se reuniram numa Federação nacional dotada de estatutos aprovados pelo Episcopado em 1915, e de uma revista, “Maandschrift voor Liturgie”, que teve mais de 5.000 assinantes. De 1914 a 1919, esta federação distribuiu 209.070 impressos de propaganda litúrgica. Lá também, que zelo!

Na **Alemanha**, o centro do “Movimento litúrgico” é o monastério beneditino de Maria-Laach, onde ocorrem periodicamente Semanas litúrgicas organizadas de modo prático para os diferentes grupos sociais. Os monges multiplicam conferências por toda a Alemanha. Uma coleção de obras: “*Ecclesia orans*” vem completar o ensino oral. Reck publica o “Missal meditado”; Dom Schott publica em 1921 um missal em língua vulgar. Outras abadias beneditinas, como São José, em Westfália, Ettel na Baviera, Beuron no Hohenzollern são também centros bastante ativos do “Movimento litúrgico”. Já nesta época encontramos nomes que nos acompanharão ao longo de todo este estudo: Dom Odon Casel, Dom Pius Parsch, agostiniano de Klosterneuburg, Romano Guardini, padre. Em 1920, os textos desses autores ainda são moderados, mas não será assim por muito

tempo, como veremos no próximo capítulo. Foi na Alemanha que o “Movimento litúrgico” teve seus primeiros e talvez mais graves desvios.

Na **Itália**, a expansão da “renovação” data de 1913. Neste ano, dois retiros litúrgicos foram pregados para o clero na diocese de Aosta, por Dom Beauduin e Dom Besse. Sua pregação é complementada por uma carta pastoral escrita por Mons. Tasco, exortando todos fiéis a participar ativamente da celebração da liturgia. Em 1921, o Cardeal Lafontaine, Patriarca de Veneza, organizou nesta cidade as Estações da Quaresma, à imitação das antigas estações em Roma. Em setembro de 1920, organizou-se na abadia beneditina de Cava um curso de Liturgia sacra; Sua Santidade, o Papa Bento XV, enviou um telegrama de encorajamento e bênçãos aos padres que freqüentavam o curso. Ao mesmo tempo, organizou-se em Turim o XII<sup>o</sup>. Congresso nacional da Associação italiana de Música sacra. O Cardeal Gasparri escreveu aos congressistas que o Soberano Pontífice “fazia votos fervorosos de que os fiéis participassem mais extensa e ativamente da liturgia”. Pela primeira vez, sua Santidade Pio XI dialogou com a multidão na missa da meia-noite na Basílica de São Pedro, no Congresso eucarístico de Roma, em 1922. Com efeito, a missa dialogada era então o cavalo de batalha do “Movimento litúrgico”. Em breve, veremos o que pensar dela. O “Movimento” italiano tem como órgãos de propaganda a “Rivista liturgica”, dos beneditinos de Pádua e Gênova, o “Bollettino liturgico”, do Rvmo. Dom Caronti de Parma, “l’Ambrosius”, de Milão. Não devemos esquecer os célebres missais de Dom Caronti e Dom Battisti. Em 1919, o Cardeal Schuster escreveu seu célebre “Liber Sacramentorum”, profundo estudo do ano litúrgico. A “renovação do fervor pela liturgia” na Itália, abençoada pelos papas e por eminentes cardeais, teve um imenso sucesso e só muito mais tarde desviará desta primeira orientação.

Na **Espanha**, as sedes da “Renovação” foram as duas abadias de Montserrat e de Silos. Montserrat publica a “Revista Montserratina” e organiza, em 1915, um imenso Congresso de enorme repercussão. Abençoado por Bento XV, encorajado pela adesão do Núncio apostólico e dos Cardeais Serafini O.S.B., Billot S.J., Gasquet O.S.B e numerosos bispos, realçado pela presença de 2.000 congressistas, dos quais 300 padres, o Congresso chegou às seguintes resoluções: associar intimamente os fiéis à liturgia sagrada, divulgar os livros litúrgicos, etc. Dom Prado, Dom Gubianas publicaram missais, ao passo que o missal quotidiano de Dom Gaspar Lefebvre foi traduzido para o



espanhol. O “movimento litúrgico” espanhol era promissor, mas, como veremos, foi “deceitado” pela revolução e, quando se reerguer, será para sucumbir aos contra-golpes dos desvios alemães e franceses.

Nos **Estados Unidos**, o “Movimento litúrgico” se dedica principalmente à formação das crianças. Em junho de 1920, em Nova York, ocorreu um Congresso internacional de canto gregoriano: a missa foi cantada então por um coral de 4.000 crianças das 47 escolas católicas da cidade. Naquela época, 500.000 crianças aprendem canto gregoriano nas escolas católicas. Numerosas publicações litúrgicas alimentam a piedade dos fiéis: “The Roman Missal”, de Dom Cabrol; “The Sunday Missal”, do Rev. F. X. Lasance; “The daily Missal” de Dom Gaspar Lefebvre. “Liturgia”, do mesmo autor, foi traduzido com o título “The Catholic Liturgy”. Em 1921, Dom Michel, O.S.B., publica “My Sacrifice and yours”; o Rev. Hoffman, O.S.B., “Liturgical Dictionary”; as religiosas dominicanas de Marywood (Michigan), cinco brochuras, “With Mother Church”, destinadas ao ensino de liturgia nas salas de aulas, etc. Como veremos na seqüência deste estudo, o “Movimento” americano começou muito bem, e só apresentará desvios por pressão dos “Movimentos” alemão e francês, mas, para isso, será preciso esperar até os anos que se seguiram a Segunda guerra.

Este rápido panorama da ação do “Movimento litúrgico” pelo mundo nos anos que precederam ou se seguiram à guerra de 1914-1918, nos permite constatar sua prodigiosa expansão. Fruto do gênio de Dom Guéranger e da energia indomável de São Pio X, esta corrente produziu nesta época frutos magníficos de renovação espiritual. Contudo, não devemos nos enganar, o caráter de “apostolado” da liturgia, que Dom Beauduin “tende” a acentuar demasiadamente, irá, na seqüência, tornar-se cada vez mais preponderante. E esta será a grande tentação do “Movimento”: tornar a liturgia sobretudo um meio de apostolado; dobrá-la às exigências do apostolado. Esta é a chave do drama. Como veremos, foi por não ter resistido à esta tentação que esta obra magnífica afundou, e levou consigo quase todo o edifício da Igreja.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### NO ENTRE-GUERRAS

O “Movimento litúrgico” nos diversos países da Europa  
Surgem os desvios teológicos bem como a tendência reformista

No primeiro capítulo expomos as origens do “Movimento litúrgico”. Nascido do gênio de Dom Guéranger, da vontade de São Pio X e do zelo de Dom Beauduin, a “renovação do fervor pela liturgia” conheceu uma evolução prodigiosa e produziu frutos magníficos, como reconhecemos. Nós igualmente assinalamos os germes precoces dos desvios futuros, que Dom Beauduin havia inserido nos princípios mesmos do “Movimento”. Mas, prossigamos com nosso estudo... e consideremos um pouco a estranha personalidade de Dom Beauduin, pai do “Movimento” belga, antes de nos trasladarmos à Alemanha, para encontrar Dom Casel.

Havíamos deixado o **célebre monge de Mont-César** nas vésperas da guerra de 1914-1918: então dirigia, com zelo infatigável, o “Movimento litúrgico” belga. A guerra e uma série de reencontros imprevistos vão levá-lo, por algum tempo, para longe da liturgia, para as turvas esferas do ecumenismo. Homem de confiança do Cardeal Mercier, que em geral dava provas de melhor discernimento, Dom Lambert Beauduin representa um papel capital na resistência belga ao invasor alemão. Não apenas redige, ele mesmo, quase integralmente, a famosa carta pastoral do Cardeal Mercier, convocando a Bélgica à resistência, mas ainda se incumbem de sua difusão, recorrendo aos serviços de seu irmão, das famosas fábricas de açúcar de Tirlemont<sup>21</sup>. Após uma série de aventuras rocambolescas, Dom Lambert Beauduin viu-se obrigado a se refugiar na Inglaterra; onde, fato capital, faz amizade com numerosas personalidades do anglicanismo.

---

<sup>21</sup> Dom L. Beauduin, “Le Cardinal Mercier et ses suffragants en 1914”, publicado na “Revista Générale Belge”, 1º. De julho de 1953, págs. 416-417.

Após o armistício, Dom Beauduin pôde regressar a Mont-César, onde se encontra com Mons. Szepticki<sup>22</sup>, chefe da Igreja uniata, que lhe comunica seu grande amor pelo Oriente bem como suas concepções sobre vida monástica. Nosso monge, que já se achava pouco à vontade no seu mosteiro muito “beuroniano”, muito “guérangeriano”<sup>23</sup>, ou seja, muito conservador, ou muito católico, ambicionará uma nova fundação monástica que restaurasse a vida dos monges vindos do oriente.

Dom Robert de Kerchove, que considera absolutamente seu monge um pouco “agitado”, lhe dá a possibilidade de “respirar um pouco”. Foi assim que Dom Beauduin foi enviado como professor ao colégio Santo Anselmo de Roma<sup>24</sup>.

O Abade primaz de Santo Anselmo, Dom Fidèle de Stotzingen, monge bastante conservador, não conseguirá dominar seu novo professor, que entusiasmará seus alunos com a causa do Oriente. A paixão pela Igreja oriental continua crescendo em Dom Beauduin, com seus encontros com Cirilo Korolevsky e, sobretudo, com o reverendo padre (brevemente Monsenhor) Michel d’Herbigny, S.J.<sup>25</sup>

Agindo assim, Dom Beauduin se adiantava aos conhecidos desejos do novo papa, que, em fevereiro de 1922, sucedia à Bento XV. Com efeito, Pio XI, desde os primeiros dias de seu pontificado, demonstraria um interesse profundo pelo Oriente: pela enorme massa da Rússia, que ainda aparentava, naqueles anos que se seguiram à revolução de outubro, hesitar num equilíbrio instável entre as vias em que se lançara.

Assediado por Mons. D’Herbigny, o ardente Pio XI precipitaria as coisas: em 21 de março de 1924, enviou ao Abade Primaz o Breve apostólico “*Equidem verba*”, no qual

---

<sup>22</sup> Mons. Szepticki, metropolita de Lvov na Galícia, chefe da Igreja uniata, ou seja: da porção da Igreja ortodoxa ucraniana que, pelo acordo de Brest-Litovsk, realizado durante as reorganizações da Polónia, no século XVIII, voltou a estar em comunhão com a Igreja romana.

<sup>23</sup> Cf. Louis Bouyer, do Oratório, “Dom Lambert Beauduin (1873-1960), un homme d’Église”, Castermann, 1964.

<sup>24</sup> Colégio fundado por Leão XIII em 1887 = Centro de estudos teológicos para os beneditinos de todo o mundo.

<sup>25</sup> Monsenhor Michel d’Herbigny (1880-1957), orientalista fervoroso. Com efeito, Pio XI faz dele seu homem de confiança para questões orientais. Nomeado em outubro de 1922 presidente do Instituto pontifício oriental. Abril de 1930: presidente da comissão pontifical “Pro Russia”. Consagrado bispo em 1926 por Mons. Pacelli em Berlim, tenta em vão restabelecer a hierarquia na URSS. Dezembro de 1931: demissão do Instituto oriental. 31 de maio de 1934: demissão da comissão “Pro Russia”, oficialmente por razões de saúde. Abriga-se na Bélgica, onde viveu até sua morte como simples religioso, sujeito a um rigoroso retiro.

retomava idéias capitais de Dom Beauduin sobre a importância de uma fundação beneditina de tipo novo, visando a aproximação com o Oriente.

O Abade Primaz de Santo Anselmo ficou incrédulo: como poderia o papa apoiar um monge que ele julgava “de temperamento demasiado sanguíneo, de imaginação demasiado viva, que, por causa de seus projetos, virava fogo e chamas, quase desprezando a Igreja ocidental, um homem fortemente levado à atividade exterior”<sup>26</sup>? Dom Fidèle não sabia que por detrás de Pio XI estavam Mons. D’Herbigny e o Cardeal Mercier, que, naquela época, fora vítima de uma vertigem de “unionismo”. 1924 era, com efeito, o ano das conferências de Malines...<sup>27</sup>.

Dom Beauduin, teólogo do Cardeal Mercier, preparou para estas Conferências um relatório sobre “A Igreja anglicana, unida mas não absorvida”, onde revelava à plena luz suas concepções mais que duvidosas sobre o ecumenismo.

Mas, deixemos a palavra com o reverendo padre Louis Bouyer, aqui bastante inspirado:

“Este relatório não apenas continha erros graves, mas era, ele mesmo, um erro ainda mais grave. Enquanto se tratava de precisar, de parte a parte, em que estado exatamente nos encontrávamos, ele aventurava a hipótese de uma unidade na fé já adquirida. A partir desta base, traçava um plano que só poderia ser quimérico. A imagem de um patriarcado anglicano unido, em que seriam salvaguardados a liturgia e o direito canônico anglicanos, bem como os usos tradicionais do anglicanismo, era copiada da situação das Igrejas orientais unidas a Roma. Ele ignorava o fato de que nada, nem no passado da Igreja anglicana, nem no presente, permitia assimilar uma situação à outra. Mas havia pior. Não podendo esquecer o fato de que a Igreja católica já estava presente na Inglaterra, disputando espaço

---

<sup>26</sup> Carta a Dom de Kerchove, de 20 de janeiro de 1925.

<sup>27</sup> L. Bouyer, “Dom Lambert Beauduin”, pág. 127. **As conferências de Malines:** Tratavam-se de conversações amigáveis entre alguns anglicanos e alguns católicos, destinadas a precisar as posições respectivas. O seu primeiro motor foi Lord Halifax, presidente da English Church Union, da mais “alta Igreja” e desejoso, então, de uma aproximação com Roma. Encorajado por Pio XI, o Cardeal Mercier representava a facção católica. Não é possível ocultar os diversos entraves que, desde o início, minaram as conferências de Malines: mal humor da hierarquia católica na Inglaterra e total falta de simpatia da hierarquia anglicana. Por trás desta dupla prevenção, pairava o equívoco do próprio Halifax: anglicano, muito ligado à sua religião, mas muito próximo do catolicismo na fé e na prática, arriscava iludir os católicos sobre o verdadeiro estado da Igreja anglicana. A introdução do relatório de Dom Beauduin poria tudo a perder.

com o anglicanismo, era esta Igreja cuja absorção se encarava tranqüilamente na hipótese da Igreja anglicana “unida mas não absorvida”. Tirava todas as conseqüências, inclusive a supressão das sedes episcopais criadas no século XX, com a demissão de seus titulares”<sup>28</sup>.

Tudo isso só se soube mais tarde, em 1926. Até lá, Dom Beauduin fundaria seu mosteiro, realizando assim as aspirações da “Equidem verba”. Pio XI se impacientava, a Sagrada Congregação para a Igreja oriental lhe dava sinal verde.

Dom Beauduin não pôde esperar e, em 1925, funda o “Mosteiro da União”, em Amay-sur-Meuse, na Bélgica. No mesmo ano, redige os estatutos da fundação:

“Seus monges desejam, em plena fidelidade à Igreja romana, possuir uma alma oriental: redescobrir todas as riquezas próprias do Oriente cristão e delas se impregnar à fundo. Desejam possuir uma alma tão católica quanto possível, e abandonar todo preconceito particularista, racial ou nacional e, especialmente decididos a fazer tudo quanto deles dependa para que o catolicismo não mais possa ser confundido com latinismo, conforme disseram e repetiram os próprios pontífices.”

“Meios empregados: iniciação à oração litúrgica oriental; estudo aprofundado do Oriente; atenção à aproximação em curso entre ortodoxos e anglicanos; ampla hospitalidade a todos, católicos ou não, a quem pela questão se interesse; fundações previstas no Oriente, para provar localmente que é possível realizar um catolicismo plenamente católico e, ao mesmo tempo, plenamente oriental. Dom Beauduin chegará a considerar a possibilidade de novos desenvolvimentos na Igreja, mesmo doutrinários, que permitiriam aos não-católicos compreender melhor e, conseqüentemente, aceitar com maior facilidade a apresentação oficial de sua doutrina, apresentação sem dúvida exata em si, mas que ainda pode seguir incompleta, insuficiente.”<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Ibid., pág. 126-127.

<sup>29</sup> Ibid., pág. 133-135.

O leitor talvez pensa que nos afastamos de nosso tema com essas considerações sobre o ecumenismo de Dom Beauduin. Ao contrário, entramos em cheio nele. Nosso monge irá em breve, à surdina, transmitir suas concepções ecumênicas ao “Movimento litúrgico”; trabalhará, e seus sucessores ainda mais que ele, pela adaptação da liturgia às necessidades do apostolado, melhor ainda, às urgências da “união das Igrejas”. O leitor também notará o quanto esta linguagem se assemelha a de João XXIII e a do Vaticano II. Isto não é por acaso; em 1924, Dom Beauduin acaba de travar fiel amizade com Mons. Roncalli, que havia caído na diplomacia após perder sua cátedra de ensino no Ateneu do Latrão, por suspeita de modernismo. O futuro João XXIII seria um dos primeiros e mais fiéis simpatizantes de Amay. Eleito papa, não declarou um dia, nos seguintes termos: “O método de Dom Lambert Beauduin é o bom”<sup>30</sup>?

“O método de Dom Lambert Beauduin é o bom”, não é o que pensava o Cardeal Merry del Val, secretário de Estado de São Pio X, então prefeito do Santo Ofício. O “Mosteiro da União” de Amay lançara uma revista de nome significativo: “Irenikon”... o nome do editor não era menos: “Duculot”\*. Esta revista, por demasiado ecumênica, não deixará de scandalizar. O grande Cardeal Mercier, protetor sem dúvida inconsciente de Dom Beauduin morrera em 1926. Graves dificuldades internas agitavam Amay.<sup>31</sup>

Pio XI começa a dar-se conta de que soltou demais a rédea que São Pio X tão fortemente segurara... Por isso, nos primeiros dias de 1928, deu uma guinada com a encíclica “Mortalium animos”, verdadeiro regimento do verdadeiro ecumenismo católico. Ninguém se enganou, era precisamente “o espírito de Amay” que era visado. Uma visita canônica, de resultados bastante favoráveis, seguiu-se no início de 1928.

Dom Beauduin sentiu que, mais ainda que sua obra, fora pessoalmente visado: pede demissão de seu cargo de prior. Após uma viagem pelo Oriente, retira-se para Tancrémont. Foi logo convocado a Roma, no ano de 1929, para comparecer perante seu amigo de outrora, Mons. d’Herbigny, ainda em graças aos olhos do papa: deu-se a entender a Dom Beauduin que ele faria bem de abandonar a Bélgica: essa foi a origem de sua estadia em Estrasburgo. Na primavera de 1932, novo processo em Roma: foi

---

<sup>30</sup> Ibid., pág. 135-136.

\* [N. da P.] *Avoir du culot*: ter topete, ser audacioso.

<sup>31</sup> Monges católicos migravam para a Igreja ortodoxa.

ordenado a Dom Beauvain que não tivesse mais relação alguma com Amay e que se retirasse por dois anos num mosteiro distante: foi essa a origem de seu exílio em Encalcat.

Após ter deixado seu retiro, Dom Beauvain foi nomeado capelão das oblatas olivetanas, então em Cormeilles-en-Parisis. Lá, contribui fortemente para a ruína da congregação olivetana<sup>32</sup> e dos futuros monges de Bec Hellouin, tão versados no ecumenismo com os anglicanos. Pouco antes da guerra, Dom Beauvain, já velho, retira-se no Berry, em Chalivot. Mas deixemos que o reverendo padre Louis Bouyer nos descreva candidamente as atividades mais que estranhas de nosso “monge maldito”:

“Ele encontraria em Bourges um velho arcebispo, um exegeta digno de estima, que mal se recuperara de ter, ele mesmo, atravessado com tão poucos danos o período modernista. Não apenas a recepção seria fraterna, mas Dom Beauvain voltaria a ser o “Missus Dominicus” que se encarregaria daquelas missões particularmente delicadas que a autoridade não sabe muito bem como as executar ou a quem lhas confiar. O fato de maior consequência é que o arcebispo o lançaria num ministério de retiros e exercícios sacerdotais, com os quais tomaria um gosto cada vez mais vivo. O sucesso que teria levaria a um dos movimentos mais importantes do pós-guerra: o movimento litúrgico e pastoral, que a partir de 1942 se desenvolveria desde o Centro de pastoral litúrgico de Neuilly e de sua revista, ‘La Maison-Dieu’”<sup>33</sup>

Mas deixemos por hora Dom Lambert: nós o reencontraremos no próximo capítulo, trabalhando com os dominicanos modernistas das Editions du Cerf para inocular o veneno de seu ecumenismo nos fiéis por meio da “Pastoral litúrgica”. Tendo vindo da liturgia, o antigo prior de Amay, agora de Chevetogne, retornará a ela, não mais para servir a causa da Liturgia, como fizera em 1909, mas para colocá-la a serviço da destruição da Igreja. O “Movimento ecumênico” e o “Movimento litúrgico” formam uma unidade no espírito de Dom Beauvain.

---

<sup>32</sup> Revista *Itinéraires*, no. 216, setembro-outubro de 1977, pág. 35-36.

<sup>33</sup> L. Bouyer, “Dom Lambert Beauvain”, pág. 168. O nome deste bispo cuja identidade o pde. Bouyer omite pudicamente é Mons. Martin-Jérôme, arcebispo de Bourges de 1916 a 1943.

Por seu lado, o “Movimento litúrgico belga”, que Dom Beauduin havia praticamente abandonado em 1920, seguia bem. Continuava fiel ao impulso primeiro dado por são Pio X. Edições de Missais e trabalhos litúrgicos de grande valor se sucediam nos anos 1920 a 1935. Em 1920, Dom Gaspar Lefebvre publica “Liturgia, ses principes fondamentaux”<sup>34</sup>: esta obra pode ser considerada como a Carta Magna do “Movimento litúrgico” autenticamente católico. Nela, o prior da Abadia de Saint-André expõe claramente o fim do “Apostolado litúrgico”.

“Fim = Restaurar em Cristo a sociedade cristã fazendo com que: 1. Glorifique a Deus pela prática digna e consciente do culto oficial que lhe é devido; 2. Santifique-se pela participação ativa na liturgia, que é, no dizer de Pio X, a fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão”<sup>35</sup>.

Não podemos deixar de assinar em baixo de um tal programa. Pena que o “Movimento litúrgico” alemão não tenha sabido guardar a boa orientação!

**Alemanha**, Páscoa de 1918: É criada e divulgada ao grande público culto a coleção “Ecclesia orans”, pelo Abade de Maria-Laach, o reverendo padre Dom Ilfons Herwegen. Reconduzir o povo alemão dilacerado pela guerra à piedade litúrgica, tal era a ambição do Abade. Com mais modéstia que Dom Beauduin, não falava de “Movimento litúrgico”, mas de “Esforço litúrgico”; não ambicionava atingir as massas, como o “Movimento” belga, mas constituir uma elite, recrutada entre os numerosos visitantes dos mosteiros. Qual era a orientação deste “esforço” de Maria-Laach?

Dom Herwegen não o esconde: ele queria liberar a liturgia de todas a escória com que a Idade Média a obscureceu. A Idade Média sobrecarregou a liturgia com suas interpretações fantasiosas, e a fez evoluir numa direção estranha à sua natureza: insistência demasiado unilateral na presença real da santa Eucaristia, que abriu a rota de abandono da liturgia pelo protestantismo, e possibilitou o desfavor e a negligência da qual foi finalmente objeto em grande parte do mundo católico pós-Trento<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Dom Gaspar Lefebvre, “Liturgia”, Abbaye Saint-André, 1920.

<sup>35</sup> Ibid., pág. 206, 4ª. Edição de 1929.

<sup>36</sup> Louis Bouyer do Oratório, “La vie de la liturgie”, Coleção “Lex Orandi”, Cerf, 1956, págs. 29-30.



Uma outra grande idéia do padre é a de que a funesta Idade Média desviou-se de um modo objetivo de piedade para um modo subjetivo. É o tema do seu livro “Kirche und Seele” (A Igreja e a alma), no qual apresenta a oposição entre a piedade da Igreja e a piedade da alma como paralela à oposição entre a objetividade tradicional e o subjetivismo moderno.

Aqui está o duplo “pecado mortal” do “Movimento litúrgico” alemão: um arqueologismo desenfreado, que se traduz pelo desprezo, não apenas da liturgia tridentina, mas também da liturgia medieval, bem como a tendência de formar uma piedade “coletivista”. E estamos ainda nos anos 1920-1925!

O nome de Dom Herwegen está há muito esquecido, mas não o de Dom Odon Casel, monge do mesmo mosteiro de Maria-Laach, com sua teoria a respeito do “Kultmysterium” (o mistério do culto cristão). Deixemos que o padre Louis Bouyer nos explique de que se trata:

“Digamos em uma palavra o conteúdo do ‘mistério’. É a reatualização na Igreja, pela Igreja e para a Igreja do ato de Nosso Senhor que realizou nossa salvação, ou seja, sua Paixão e morte na plenitude do seu último efeito: a Ressurreição, a comunicação da graça salvífica à humanidade e a consumação final de todas as coisas. Nesta perspectiva, a propriedade central da liturgia e, pois, o que é preciso saber antes de tudo para compreendê-la, é o modo único pela qual o ato redentor do Cristo é renovado e distribuído de modo permanente pela Igreja. Bem compreender este modo, que é inteiramente diferente do de uma representação teatral ou imaginativa, ou de toda repetição fisicamente realista, é a chave para a compreensão de toda a liturgia, cuja perda começou durante a Idade Média. E esta chave o período barroco perdeu tão profundamente, que não conservou senão a casca vazia da liturgia, uma casca tanto mais decorada e sobrecarregada exteriormente, quanto a realidade interior tendia a ser esquecida”<sup>37</sup>

Resumamos este longo texto, dizendo com Wolfgang Waldstein: “Dom Casel nos tirou dos impasses das teorias pós-tridentinas do sacrifício”<sup>38</sup>. Dom Casel nos libertou

---

<sup>37</sup> Ibid., pág. 33.

<sup>38</sup> Waldstein, “Hirtensorge und Liturgiereform”, Liechtenstein, 1977 (Dom Casel: 1886-1948)

claramente da XIIa sessão do Concílio de Trento sobre o Sacrifício da Missa. Este reconhecido precursor da “*Institutio generalis*” do Novo Ordo Missae peca de modo igualmente grave por arqueologismo: rejeitando a época barroca bem como a época medieval, devota um amor passional pela era patrística, a única a possuir o sentido do “mistério”. Traduzido em arte, este arqueologismo “caseliano” produziu este falso bizantinismo desprovido de alma e de inspiração: providencialmente, estas obras-primas foram destruídas durante o bombardeio americano de Monte Cassino!

As realizações “artísticas” de Maria-Laach não existem mais, mas seus terríveis desvios doutrinários arruinaram o “esforço” litúrgico alemão.

Outro nome célebre do entreguerra alemão: Romano Guardini. Este italiano, trasladado a Mainz na infância, foi um dos mais brilhantes universitários de seu tempo; ordenado padre em 1911, lecionou na Universidade de Berlim a partir de 1922 na cátedra de filosofia católica. Este padre secular representará um importante papel no “esforço” alemão, não a título de rubricista ou historiador da liturgia, mas como poeta. Considerado pelos críticos literários como o “mestre da intuição psicológica”, Guardini trabalhará no sentido de “conduzir uma inteligência e sensibilidade modernas — e quão bem conhece seus estremecimentos, arroubos e desfalecimentos! — à compreensão e ao amor da liturgia”<sup>39</sup> O estilo do autor é prodigiosamente belo e o sucesso de sua obra “O espírito da liturgia”<sup>40</sup> é retumbante: 26.000 exemplares vendidos de 1918 a 1922. Tudo isto parece bom, mas, e não hesitamos em dizê-lo, o proceder de Guardini “cheira a modernismo”. Seu gosto pela experiência religiosa lembra o padre Brémond. Seu modo intuitivo de proceder sente a imanentismo: “Nós não possuímos, procuramos... — escreve freqüentemente — nada podemos dar aqui de concluído, de absolutamente seguro e possuído; nada mais que ensaios, por vezes meros tateios e pressentimentos”<sup>41</sup>

Robert d’Harcourt escrevia com muito acerto: “Ele (Guardini) mais colabora do que ensina. No seu tom, nada jamais de peremptório, de incisivo, de professoral. Nada de definido, de taxativo... temor das sistematizações, das estabilizações, do endurecimento. Por toda parte se testemunha a preocupação de não privar o pensamento da flexibilidade,

---

<sup>39</sup> Prefácio de Robert d’Harcourt a “*L’esprit de la liturgie*”, de R. Guardini, Coleção “*Le roseau d’or*”, Plon, 1929.

<sup>40</sup> R. Guardini, “*Vom Geist der Liturgie*”, 1º. Volume de “*Ecclesia Orans*”, Herder, 1918.

<sup>41</sup> Prefácio a “*Auf dem Weg*” e a “*Liturgische Bildung*”.

das hesitações, do horror ao pesado...”<sup>42</sup>. Assim era Romano Guardini, chantre e profeta de uma “mentalidade litúrgica”. Julgaremos adiante, pelos fatos, a árvore por seus frutos.

Mas, antes de ver as realizações concretas do “esforço” litúrgico alemão, voltemo-nos para mais um de seus “tenores”: Dom Pius Parsch. Este cônego agustiniano de Klosterneuburg (Áustria) aparecerá, desde o início, com uma orientação claramente reformista; ademais, lançara nos países de língua alemã um vasto “movimento bíblico” que influenciará profundamente o “Movimento litúrgico”.

Mas escutemos o próprio Dom Parsch nos relatar inocentemente suas “experiências” litúrgicas:

“Naquela época, diz ele, ouvi falar de uma Missa Recitata que se celebrava nos meios estudantis. Eu resolvi celebrar com meu círculo a primeira missa da comunidade. Foi na festa da Ascensão de 1922. Na véspera, reuni os membros do círculo na capela de Santa Gertruedes, que iria se tornar o berço do movimento litúrgico popular, e explica as cerimônias e o sentido da missa cantada (então a chamávamos de missa litúrgica). Neste momento, ocorreu uma divisão dos espíritos: muitos católicos de estado de espírito subjetivo separaram-se de nosso grupo. Esta missa cantada era ainda muito primitiva: o Kyrie, o Sanctus, o Agnus Dei eram cantados em alemão; o professor Goller compusera para nós algumas melodias corais muito simples. As respostas, o Gloria, o Credo eram recitados por todos os assistentes em coro. As lições e orações eram ditas pelo presidente. Fazíamos um ofertório e mesmo o ósculo da paz era assinalado por um aperto de mão. Esta sem dúvida foi a primeira celebração da missa no espírito da liturgia popular em país de língua alemã”.

Este texto não precisa de comentário... Dom Parsch continua:

“Até então, minha atividade se limitava ao pequeno grupo da comunidade bíblica e litúrgica de Klosterneuburg. Mas o convento se encontra às portas de Viena e eu tentei levar minhas idéias à capital. Lá, o terreno já estava preparado para a Bíblia

---

<sup>42</sup> Loc. cit., pág. 32.

e a liturgia... Em Viena já se iniciara uma renovação católica. E minhas idéias litúrgicas encontravam eco ali. Então vieram-me idéias de um verdadeiro trabalho missionário litúrgico”<sup>43</sup>.

Com a revista “Bibel und Liturgie”, Dom Parsch lançava sobre os fiéis idéias perigosíssimas sobre a relação entre a palavra de Deus e a liturgia.

“Esta ampliação do objetivo do movimento litúrgico, escreve o reverendo padre L. Bouyer, é um fato da maior importância na sua história, pois a importância da renovação bíblica no seio do movimento litúrgico ultrapassa em muito a esfera dos métodos práticos e implica pressupostos teológicos da maior importância. Há uma relação estreita entre Revelação e liturgia ou, mais exatamente, entre a palavra divina e o culto comunitário da Igreja. Compreender esta inter-relação e captar seu pleno significado é, pois, um fator decisivo se queremos atingir uma compreensão verdadeira e renovada da natureza da própria Igreja. Tal compreensão é certamente o fim último de todo o movimento litúrgico.”<sup>44</sup>

A análise do reverendo padre L. Bouyer, ele mesmo muito engajado no “Movimento” francês após a guerra de 1939-1945, é bastante aguda. A palavra de Deus, considerada como revelação imediata de Deus no meio da assembleia, irá modificar completamente a concepção da Missa. A Missa dos fiéis cederá o passo à Missa dos catecúmenos. Deus estará presente muito mais por sua palavra que pela Eucaristia. Os fiéis que “assistem à Missa” transformar-se-ão numa Assembleia do “Povo de Deus”, a reunião dos crentes sobre os quais sopra o Espírito... Não estamos longe do pentecostalismo contemporâneo. Tal é a nova concepção da liturgia, tal é a nova concepção da Igreja que insinua nos espíritos o “Movimento bíblico-litúrgico” de Dom Parsch. E ainda estamos nos anos 1925-1930!

Todas estas teorias heterodoxas, até mesmo francamente heréticas, não ficaram por muito tempo no reino das idéias puras, mas foram a alma de uma verdadeira revolução litúrgica na jovem Alemanha nazista. Primeiro foi uma onda de Missas dialogadas de modo mais ou menos fantasioso, em seguida, a “grande missa alemã”, espécie de Missa

---

<sup>43</sup> Dom Pius Parsch (1884-1954), “Le renouveau liturgique”, Castermann, 1950, pág. 12.

<sup>44</sup> L. Bouyer, “La vie de la liturgie”, pág. 89.

cantada em que o celebrante cantava sua parte em latim, mas, ao invés do próprio e do ordinário em latim, o coro e a massa cantavam cantigas alemãs. Os movimentos da juventude se declararam favoráveis ao “Movimento litúrgico”, o que levou a uma multiplicação de “experiências”: altar virado para o povo, emprego da língua vulgar etc.

O contexto político precipitou os acontecimentos: “Desde 1936, escreve Johann Wagner, a Igreja da Alemanha foi progressivamente privada pelas autoridades do Estado e do Partido de seu campo de ação exterior. As atividades da Igreja, exercidas normalmente nos confins do domínio propriamente espiritual, no plano social, esportes etc., foram limitadas a um único domínio: o culto, a celebração do culto. Todos se lançaram nesta tarefa com ardor, boa vontade e, por vezes, um pouco de cegueira. Abusos e exageros não faltaram”<sup>45</sup>.

Abusos litúrgicos tão espantosos que fizeram Dom Baumstark, de Maria-Laach, dizer: “Não quero estar vivo no dia em que o movimento litúrgico atingir seu objetivo”<sup>46</sup>.

Na época, o resto da Europa ainda não sofria a influência do “Movimento litúrgico” alemão, e a “renovação do fervor pela liturgia”, propagava-se sem dificuldades. Mas, na Alemanha, as coisas chegaram a tal ponto, que uma violenta e salutar reação explodiu, sinal precursor, como veremos, da encíclica “Mediator Dei”.

Concluamos este capítulo: O entre-guerras viu o desenvolvimento dos mais graves desvios teológicos do “Movimento litúrgico”. Dom Beauduin o conduziu pelas vias de um falso ecumenismo. Maria-Laach o levou a perder pelas sendas do arqueologismo, Dom Parsch alia sua causa a um biblicismo judaizante. Nas vésperas da segunda guerra mundial, as forças modernistas dominam o “Movimento”. Roma, que com São Pio X tão bem soubera quebrar o impulso do modernismo teológico, não relaxou demais a vigilância nos anos 1930-1935, particularmente no então menosprezado domínio da liturgia?

---

<sup>45</sup> J. Wagner, “Le mouvement liturgique en Allemagne”, publicado em “La Maison-Dieu”, no. 25, Cerf, 1951.

<sup>46</sup> Citado por Jungmann, em “Tradition liturgique et problèmes actuels de pastorale”, Ed. Xavier Mappus, 1962.